

*EU JÁ FUI
LÁ FORA
BALOAR
MAIS ELE:
UM ESTUDO DA
CRIAÇÃO LEXICAL
À LUZ DE
UM CORPUS
DE FALA
ESPONTÂNEA*

*YO YA HE SALIDO A PESCAR EN GLOBO CON ÉL:
UN ESTUDIO DE LA CREACIÓN LÉXICA A LA LUZ DE UN CORPUS DE HABLA
ESPONTÁNEA*

*I ALREADY WENT OUTSIDE TO SHOOT HIM MORE:
A STUDY OF LEXICAL CREATION IN THE LIGHT OF A CORPUS OF SPONTANEOUS SPEECH*

Cryсна Bomjardim da Silva Carmo*

Élica Mota Rodrigues**

Universidade do Estado da Bahia

RESUMO: Este estudo busca investigar as palavras que fazem parte do trabalho de pesca de mariscos cujas formas ou novos sentidos – conferidos a termos já existentes, não estão dicionarizadas formalmente. Nesse contexto, identifica os itens lexicais

* Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG]. Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia [UNEB]. Integra o quadro docente permanente do Programa de Mestrado em Letras do Departamento de Educação – Campus X da UNEB. Vincula-se ao Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens [GEICEL]. E-mail: crysnabonjardimsc@gmail.com.

** Graduada em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: elicamota@gmail.com.

desse campo de trabalho, descreve os processos de formação que os envolvem e, por fim, discute os aspectos sociocognitivos envolvidos na formação de tais itens. Teoricamente, elege pressupostos da *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000), da Sociolinguística (TARALLO, 1986) e da Linguística Cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1987]). Metodologicamente, correlaciona orientações metodológicas, tanto da *Linguística de Corpus* (SARDINHA, 2004) quanto da Sociolinguística (TARALLO, 1986). Para a manipulação do *corpus*, utiliza o concordanciador *AntConc* (ANTHONY, 2020). Considerando o item lexical destacado no *Corpus* de Trabalho, *balão de pesca*, os resultados demonstram que: (1) trata-se de um neologismo; (2) resulta de processos cognitivos que envolvem extensão metafórica e polissemia; e, cuja criação lexical, (3) opera dentro do MCI TRABALHO[Pesca].

PALAVRAS-CHAVE: Balão. Fala espontânea. Linguística de *corpus*; Sociolinguística; Linguística cognitiva.

RESUMEN: Este estudio busca investigar las palabras que forman parte del trabajo de la pesca de mariscos cuyas formas o nuevos sentidos, dados a términos existentes, no están diccionarios formalmente. En este contexto, se identifican los ítems léxicos de este campo de trabajo, se describen los procesos de formación que los involucran y, finalmente, se discuten los aspectos sociocognitivos involucrados en la formación de dichos ítems. Teóricamente, se eligen supuestos del *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000), de la Sociolingüística (TARALLO, 1986) y de la Lingüística Cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1987]). Metodológicamente, se correlacionan orientaciones metodológicas, tanto de la Lingüística de Corpus (SARDINHA, 2004) como de la Sociolingüística (TARALLO, 1986). Para manipular el *corpus*, se utilizó el programa de concordancias *AntConc* (ANTHONY, 2020). Considerando el ítem léxico destacado en el *corpus* de trabajo, globo de pesca, los resultados demuestran que: (1) se trata de un neologismo; (2) resulta de procesos cognitivos que involucran extensión metafórica y polisemia; y, cuya creación léxica, (3) opera dentro del MCI TRABAJO [Pesca].

PALABRAS CLAVE: Globo. Habla espontánea. Lingüística de *corpus*. Sociolingüística. Lingüística cognitiva.

ABSTRACT: This study seeks to investigate the words that are part of the work of fishing for shellfish whose forms or new meanings - given to existing terms, are not formally in the dictionary. In this context, it identifies the lexical items of this field of work, describes the training processes that involve them, and, finally, discusses the socio-cognitive aspects involved in the formation of such items. Theoretically, it chooses assumptions from *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000), Sociolinguistics (TARALLO, 1986), and Cognitive Linguistics (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1987]). Methodologically, it correlates methodological orientations, both from Corpus Linguistics (SARDINHA, 2004) and Sociolinguistics (TARALLO, 1986). For manipulating the corpus, it uses the concordant *AntConc* (ANTHONY, 2020). Considering the lexical item highlighted in the *Corpus* de Trabalho, a fishing balloon, the results show that: (1) it is a neologism; (2) it results from cognitive processes that (1) involve metaphorical extension and polysemy; and, whose lexical creation, (3) operates within the MCI TRABALHO [To Fish].

KEYWORDS: Balloon; Spontaneous speech. Corpus linguistics. Sociolinguistics. Cognitive linguistics.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma pesquisa sobre criação lexical cujas ocorrências foram extraídas de um *corpus* de fala espontânea, compilado a partir de dados oriundos de uma entrevista realizada junto a uma *marisqueira*. Nesse contexto, investiga as palavras que fazem parte do trabalho de pesca de mariscos cujas formas ou novos sentidos – conferidos a termos já existentes, não estão dicionarizadas formalmente; descreve os processos de formação que envolvem os itens lexicais encontrados; e, por fim, discute os aspectos sociocognitivos envolvidos na formação desses itens. Para realizar este estudo, o arcabouço teórico conjuga pressupostos da *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000; RASO; MELLO, 2012) e da Linguística Cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980]; SILVA, 1997; CHIAVEGATTO, 2009; CARMO, 2005), bem como assume o Léxico como um componente com regras diversas, no qual a criação de neologismos tem lugar. No que concerne à metodologia, concilia princípios da Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2004) e da Sociolinguística (TARALLO, 1986; GUY, 2000). O *AntConc* (ANTHONY, 2020) é a ferramenta computacional selecionada para manipulação do *corpus*. Finalmente, este estudo explora os resultados extraídos do *corpus* de estudo, intitulado: *Corpus* de Trabalho. Antes de prosseguirmos, cabe destacar que esta pesquisa se encontra dentro de um projeto guarda-chuva denominado *Mapa Linguístico da Fala Espontânea do Extremo Sul da Bahia*, cujo objetivo primordial é identificar os traços que configuram a identidade linguística do *Território de Identidade Extremo Sul da Bahia* (CARMO, 2020).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para responder a demanda imposta por seus objetivos, esta pesquisa parte dos seguintes pressupostos teóricos: (1) a fala espontânea é executada ao mesmo tempo em que é planejada (NENCIONI, 1983; CRESTI, 2000; RASO, 2012) – tal perspectiva afeta diretamente o resultado das formas linguísticas produzidas no interior dos contextos naturais de interação; (2) a língua é um sistema probabilístico, cujas formas resultam da correlação entre traços linguísticos e traços contextuais. Embora, muitos traços linguísticos sejam possíveis teoricamente, estes não ocorrem com a mesma frequência. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; SARDINHA, 2000); e (3) a língua é uma forma de conhecimento conectado à experiência humana no mundo. Sendo assim, as unidades linguísticas, a exemplo das palavras que, armazenadas no Léxico (CARMO, 2005; JACKENDOFF, 2002), são manifestações de como categorizamos o mundo (LAKOFF, 2002 [1980]; SILVA, 1997). Nesse quadro, este estudo elege um corpo de teorias que se conectam, uma vez que partem da observação da língua em uso.

2.1 LANGUAGE INTO ACT THEORY

A *Language into Act Theory* (L-Act – CRESTI, 2000; RASO, 2012) é uma teoria *corpus driven* cujos dados e descrições resultam de evidências oriundas de um *corpus*, compreendido não como um repositório de exemplos que funcionam apenas para corroborar teorias existentes, mas como um campo para a observação de padrões linguísticos de diversas naturezas (fonológicos, morfológicos, sintáticos, semântico-pragmáticos e discursivos) existentes na língua em uso. Assim sendo, esta vertente teórica é guiada pela perspectiva indutiva de pesquisa: primeiro, observa-se os dados, após, teoriza-se sobre eles. Nesse contexto, a L-Act origina-se de pesquisas experimentais baseadas em *corpora* de fala espontânea, realizadas no *Laboratorio di Linguistica da Universidade de Florença* (LABLITA) por Emanuela Cresti, auxiliada por Massimo Moneglia, durante os anos oitenta e segue evoluindo. É a partir da compilação de *corpora* de fala espontânea que a L-Act estabelece seus princípios, os quais estão explicitados no C-ORAL-ROM: um *corpus* multilíngue composto por quatro línguas românicas (Italiano, Português Europeu, Francês e Espanhol) e que é constituído em parceria com outras universidades europeias. No Brasil, a parceria é com o Laboratório de Estudos Experimentais da Linguagem (LEEL), da Universidade Federal de Minas Gerais: o C-ORAL BRASIL (RASO; MELLO, 2012).

Segundo Raso (2012), a L-Act pode ser resumida nos seguintes termos: (1) é uma teoria pragmática, herdeira da Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1962), portanto compreende a fala humana como uma forma de ação; (2) dedica-se ao estudo da fala espontânea, ou seja, aquela que é executada ao mesmo tempo em que é planejada (NENCIONI, 1983); e (3) compreende a prosódia¹ como o “signo” responsável não só por estruturar as ações de fala (pedido, ordem, declaração), como também pela delimitação de sua unidade de referência: o *enunciado*. Conforme a L-Act, o enunciado possui autonomia pragmática e interpretabilidade em isolamento (CRESTI, 2000), cujos limites são dados pelo comportamento da prosódia e suas quebras. Para explicar o que isso significa, destaca-se uma ocorrência retirada do *corpus* de estudo:

(1) MAR[11]: ai uma saiu fora da bacia e a outra ficou embaixo.

Para interpretar a sequência em (1), é preciso fazer algumas escolhas prosódicas. Porém, antes de discutir tais possibilidades de segmentação, dois aspectos precisam ser observados sobre a formação de um enunciado: (1) o *contéudo locutivo*, que pode ser uma interjeição, uma palavra, um sentença ou diversas sentenças; e (2) a *delimitação*, cuja extensão é marcada no fim do enunciado pela quebra prosódica que apresenta valor conclusivo (na transcrição, usa-se uma barra dupla para identificar a quebra terminal = //); já em seu interior, o enunciado pode apresentar quebras prosódicas internas, percebidas como não conclusivas (na transcrição, usa-se uma barra simples para identificar a quebra não terminal = /). Dessa forma, um enunciado que apresenta mais de uma quebra prosódica (/) é definido como *enunciado complexo*, ao passo que aquele que só apresenta uma quebra prosódica,

¹A prosódia é a camada suprasegmental da fala e engloba tudo o que se encontra acima do nível segmental desta, tais como fones, palavras, sentenças, envolvendo parâmetros acústicos como frequência fundamental (f₀), intensidade e duração, cujos correlatos físicos são frequência, amplitude e tempo (KENT; READ, 1992). Popularmente, seria aquela “espécie de música” que envolve tudo o que é falado e que carrega informação, a exemplo da identidade dos falantes (gênero, faixa etária, estado de saúde, naturalidade etc.), de sentimentos (surpresa, medo, tristeza, asserção) e de ações linguísticas (pedido, ordem, declaração).

obrigatoriamente a quebrar terminal (/), é chamado de *enunciado simples*. Diante do exposto, e considerando algumas intuições ou vícios da língua escrita, a ocorrência (1) poderia ser segmentada da seguinte forma:

(1a) MAR[11]: ai / uma saiu fora da bacia e a outra ficou embaixo //

(1b) MAR[11]: ai / uma saiu / fora da bacia / e a outra ficou embaixo //

(1c) MAR[11]: ai uma saiu / fora da bacia / e a outra ficou embaixo //

Em (1a), tem-se uma quebra terminal que indica o fim do enunciado, ou seja, uma ação linguística finalizada e uma quebra não terminal que separa a interjeição [ai] do resto do enunciado, formado por um período composto por coordenação, já que tem-se a conjunção “e”, a qual estabelece uma relação de adição entre a primeira oração [uma saiu fora da bacia] e a segunda oração [a outra ficou embaixo]. Já em (1b), tem-se a quebra não terminal que separa a interjeição [ai] do resto do enunciado. Assim como em (1a), a interjeição funciona como um marcador discursivo, também separado do resto do enunciado. Contudo, (1b) expressa uma complexidade maior: não só apresenta um período composto por coordenação aditiva, mas também um aposto [fora da bacia]. Entretanto, ao ouvir o áudio que deu origem à transcrição, a segmentação original, exposta em (1c), é diferente daquelas propostas em (1a) e (1b):

(1a) MAR[11]: ai / uma saiu fora da bacia e a outra ficou embaixo //

(1b) MAR[11]: ai / uma saiu / fora da bacia / e a outra ficou embaixo //

(1c) MAR[11]: ai uma saiu / fora da bacia / e a outra ficou embaixo //

Se as quebras prosódicas com valor conclusivo indicam os limites do enunciado, permitindo identificar uma ação linguística, as quebras sem valor conclusivo estruturam internamente o enunciado, nos termos de sua *estrutura informacional*. Ou seja, assim como os outros níveis da língua apresentam uma “gramática”, a fala espontânea também. Todavia, a gramática da fala ordena-se a partir das *unidades informacionais* (UI) que, criadas pelas quebras internas dentro do enunciado, apresentam ordem e funções próprias. Como o objeto desta pesquisa não é um fenômeno prosódico, essa discussão não será aqui detalhada. Quanto ao conteúdo linguístico dentro do enunciado, dividido entre as UIs, destacamos ainda um último princípio da L-AcT explicitado por Carmo (2017, p.46):

Nesse arranjo, a natureza do enunciado é pragmático-discursiva, e não semântico-sintática, ou seja, um enunciado não precisa apresentar obrigatoriamente um verbo e seus argumentos para ser delimitado como unidade linguística. Esse postulado da L-AcT vai de encontro a maior parte dos quadros teóricos que tem, na *sentença* (HARRIS, 1962; CHOMSKY, 1970) ou na *cláusula* (BIBER *et al.*, 1999; MILLER; WEINERT, 1998), a sua unidade de análise, a exemplo dos quadros formalista e funcionalista, respectivamente.

Sendo assim, para L-AcT, a primeira coisa a ser verificada no estudo da fala espontânea é o comportamento da prosódia, só posteriormente é que os outros níveis linguísticos poderão ser observados, uma vez que é o componente prosódico que define a ação linguística (ordem, pedido, asserção). Como esta pesquisa parte da compilação de um *corpus* de fala espontânea, assume-se que são as quebras prosódicas que estruturam o enunciado. Dessa forma, é dentro dos enunciados que se extraem os dados desta pesquisa, qual seja: o léxico que estrutura o campo de trabalho da pesca de mariscos.

2.2 LINGUÍSTICA COGNITIVA

A Linguística Cognitiva (LC) é uma corrente da Linguística que parte do pressuposto de que a linguagem é uma forma de conhecimento conectado diretamente com a experiência humana no mundo. Sendo assim, as unidades e as estruturas linguísticas não seriam entendidas como entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, tais como: organização conceptual, princípios de categorização, mecanismos de processamento e experiência cultural, social e individual. (SILVA, 1997). Nesse enquadre, assume-se que *a gramática não pode ser mais vista como um conjunto de regras que opera sobre categorias de palavras ou de sentenças, mas sim como um conjunto de princípios gerais e processuais, que opera sobre bases de conhecimentos.* (CHIAVEGATTO, 2009. p.81).

Dentro dessa corrente teórica, a língua seria uma forma de interagir com os outros falantes e com o mundo. Inclusive, constituindo esse último em termos de delimitação, ou seja, as categorias não estão dadas previamente, mas criadas pela intervenção da linguagem, mais especificamente pelas palavras ao separar o mundo, em reinos mineral, vegetal e animal, por exemplo. Dentro do reino animal, classificam-se vertebrados e invertebrados. Dentro do primeiro, tem-se a divisão entre mamíferos, répteis, anfíbios, aves e peixes etc. Contudo, nem todas as culturas humanas segmentam o mundo do mesmo modo. Por isso, temos línguas diferentes que, por sua vez, nem sempre fazem os mesmos recortes no mundo, haja vista as necessidades e as características geográficas e sociais de cada espaço – logo o *choque entre culturas*. Em português, *mar* é uma palavra do gênero masculino: *O mar é Deus e o barco sou eu*. Ao passo que em francês *mar* é uma palavra do gênero feminino: *La mer est Dieu et le bateau c'est moi*.

Entre os principais constructos teóricos, a LC investiga: a relação entre categorias e protótipos, polissemia, metáfora e metonímia conceituais, esquemas imagéticos, modelos cognitivos e culturais, a gramática como sistema de organização conceptual (LAKOFF, 2002 [1980]; SILVA, 1997). Todavia, todos esses constructos devem ser observados a partir das estratégias comunicativas e dos sentidos atribuídos pelos falantes às formas linguísticas, sempre ancorados da cultura. Dado os limites e os objetivos desta pesquisa, a seguir, apresenta-se os conceitos de *metáfora e metonímia conceituais* e de *modelos cognitivos e culturais*, nela utilizados.

2.2.1 METÁFORA E METONÍMIA CONCEITUAIS

Para a Linguística Cognitiva, a metáfora e a metonímia não são apenas figuras de linguagem que servem à criação linguística, como a linguagem literária ou os mecanismos retóricos dentro de um dado discurso (CUNHA, 1970). Conforme Lakoff & Johnson (2002[1980]), a linguagem corrente está repleta de metáforas e metonímias que, na realidade, são instrumentos cognitivos que atuam no nível lexical, via extensão semântica dos itens lexicais. Ainda conforme os autores, metáforas e metonímias são fenômenos *conceptuais* e se constituem como importantes *modelos cognitivos*. A diferença de ambas reside no fato de que a metáfora envolve *domínios cognitivos diferentes*, ou seja, domínios distintos da experiência humana. Nessa relação, um domínio-origem se projeta sobre um domínio-alvo, estruturando este último, ao passo que, na metonímia, realiza-se apenas a ativação e o realce de uma categoria ou um *sub-domínio* dentro de um mesmo *domínio cognitivo*. Para efeito de explicitação, observa-se a Figura 1, abaixo, em que há uma representação desses dois instrumentos cognitivos:

Ex: *Palavras são armas.*

Ex: *Ontem, ouvi Exo o dia todo!*

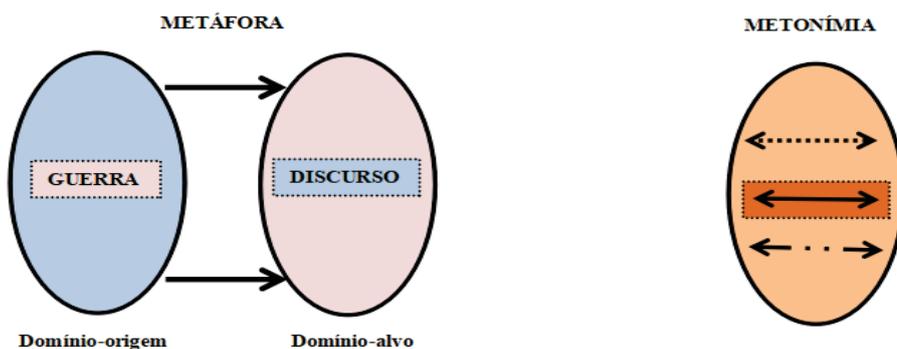


Figura 1: Metáfora e Metonímia

Fonte: Rodrigues (2020, p. 20)

Para explicitar, os conceitos da Figura 1, tomam-se as seguintes ocorrências: (1) *Palavras são armas* e (2) *Ontem, ouvi Exo o dia todo!* Em (1), as palavras, que são elementos do discurso, são interpretadas como se fossem armas, termo pertencente ao contexto da guerra. Desse modo, as palavras são interpretadas metaforicamente como se fossem armas, as quais podem, metaforicamente, *ferir* ou *matar*. Em termos cognitivos, tem-se uma metáfora na qual o domínio do discurso (domínio-alvo) é estruturado pelo domínio da guerra (domínio-origem/fonte). Já em (2), tem-se *Exo* (EXO, 2022) o nome de um grupo musical masculino coreano que, como domínio de cognitivo, comporta todos os “traços” sobre esse grupo musical: fazem parte do gênero K-pop, cantam músicas em coreano, japonês e mandarim, é composto por nove membros (Xiumin, Suho, Lay, Baekhyun, Chen, Chanyeol, D.O., Kai e Sehun), etc. Assim, tem-se em (2) uma metonímia na qual uma parte, o nome da banda, é usada para se referir à música do grupo.

2.2.2 MODELOS COGNITIVOS E CULTURAIS

Segundo a Linguística Cognitiva, as experiências vivenciadas pelos usuários da língua, junto às suas comunidades, desde o nascimento, são armazenadas na memória na forma de *domínios cognitivos*. Tais construtos são relativamente permanentes, apresentam uma estrutura parcial e uma hierarquização quanto ao conjunto dos elementos que o integram. Dessa forma, esses domínios possuem estabilidade, mas não são rígidos, logo são passíveis de modificação, tendo em vista a reorganização das novas experiências vivenciadas pelos falantes no interior das comunidades. Um exemplo disso é o conceito de *família*. Como domínio, no início do século XX, era entendido a partir da união de um homem e de uma mulher. Com as mudanças comportamentais causadas por fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, do final do mesmo século, o domínio mudou. Hoje, uma família pode ser formada por pessoas do mesmo sexo (ABREU, 2015). Assim, as formas linguísticas acionam esses domínios cognitivos que, como domínios de conhecimento, arquivam essas experiências. Ou seja, os significados das formas linguísticas são alimentados a partir desses arquivos da memória do falante. De acordo com Lakoff (2002 [1980]), esses domínios cognitivos podem ser representados como:

- Esquemas imagéticos: abrangem os conhecimentos mais básicos, resultantes de experiências corpóreas com o mundo, logo estão disponíveis para serem aplicados a diferentes domínios. Como surgem a partir da relação dos corpos com o mundo, não são rígidos. São estruturas passíveis de serem compreendidas por quase todos, permitindo a construção e a interpretação das formas linguísticas. Por exemplo: container (recipiente), caminho (origem-percurso-destino), elo (*link*), força, equilíbrio (balança), bloqueio, remoção, contraforça, compulsão, parte-todo, centro-periferia, em cima-embaixo, frente-trás, dentro-fora, perto-longe, contacto, ordem linear;
- Modelos cognitivos idealizados (MCIs): abrangem os conhecimentos individualmente idealizados, mas que são interindividualmente partilhados pelos membros de uma comunidade. Dessa forma, organizam-se como *modelos culturais*. Por isso, são estruturas estáveis que organizam o mundo, portanto passíveis de serem modificadas com o tempo, haja vista a vivência dos usuários das línguas.

Para a LC, é no contexto dos respectivos modelos cognitivos e culturais que as categorias linguísticas podem ser devidamente caracterizadas (SILVA, 1997). Por exemplo: MCI SAÚDE, MCI ECONOMIA e MCI ENERGIA:

<p>MCI SAÚDE</p> <ul style="list-style-type: none"> . vitalidade . disposição . boa aparência . bom funcionamento . FALTA DE SAÚDE . doença . indisposição . palidez . médicos . hospital . dor (etc) 	<p>MCI ECONOMIA</p> <ul style="list-style-type: none"> . finanças . dinheiro . riqueza . fatura . licros . trabalho . PROBLEMAS . desemprego . falência . crise . pobreza . depressão 	<p>MCI ENERGIA</p> <ul style="list-style-type: none"> . combustível . força . necessidades . produção . produtos . meios . alternativas . petróleo . carvão . ventos . águas . abastecimento
--	--	---

Figura 2: Exemplos de Modelos Cognitivos Idealizados

Fonte: Chiavegatto (2009, p. 88)

Na Figura 2, temos três domínios de conhecimento (Saúde, Economia e Energia) que reúnem traços que os falantes de uma dada comunidade reconhecem como constitutivos de cada domínio, por isso individualmente idealizados e interindividualmente partilhados. Assim, quando os falantes usam as formas linguísticas que circunscrevem cada um desses traços, importam as informações armazenadas em cada um e as projetam como conhecimentos sobre os novos domínios aos quais foram ligados. Dessa forma, os falantes correlacionam, dentro de uma dada situação comunicativa, as informações entre os domínios em foco. Dessa forma, novos significados como *falência de órgãos*, *fatura de energia* ou *indisposição do mercado* emergem como *mesclas*,

que herdam parcialmente os significados de partida, mas ganham novos sentidos com as relações que são processadas na nova situação em que são empregadas. (CHIAVEGATTO, 2009).

2.3. LÉXICO, CRIAÇÃO LEXICAL E NEOLOGISMO

Enquanto componente do sistema linguístico, o léxico é mais do que um simples repositório de palavras de uma dada língua – ou comunidade linguística em particular. Na realidade, a despeito de suas idiossincrasias, esse componente da língua é um espaço de conhecimento dinâmico, cujas regras internas permitem a criação de novos itens lexicais, não só em termos de formas novas, mas também a partir de padrões já existentes. Para além de suas regras internas (produtivas ou parcialmente produtivas), o léxico absorve informações advindas do contexto extralinguístico no processo de criação lexical ((CARMO, 2005; JACKENDOFF, 2002). Diante disso, podemos afirmar que o léxico se relaciona tanto com o processo de nomeação quanto com a cognição da própria realidade (BIDERMAN, 1998). É por meio de seu acervo que constatamos a história da evolução das línguas humanas, bem como as mudanças sócio-linguísticas-culturais que ocorrem no interior das comunidades humanas – verbais por natureza. Sendo assim, o léxico possui um caráter marcadamente social.

Dentro dos processos que envolvem a criação de palavras no Léxico, destaca-se a **neologia**. De acordo com Alves (1996), esse processo pressupõe a criação de novos itens lexicais, ou seja, novas palavras, denominadas de **neologismos**. Estes podem envolver o surgimento de uma nova palavra, a atribuição de um novo significado ou a mudança de categoria gramatical de formas já existentes. Uma palavra perde tal *status* quando incorporada aos documentos oficiais de uma dada comunidade linguística. A autora identifica pelo menos 04 tipos de neologismos: (i) **fonológico**: refere-se à criação de um item cujo significante é inédito, ou seja, criado sem base em nenhuma outra palavra, costuma envolver onomatopeias (*Aquela poc teve a audácia de tocar no meu cabelo*)²; (ii) **sintático**: refere-se a palavras formadas a partir da combinação de palavras já existentes na língua. Os itens envolvidos podem circunscrever tanto o nível lexical quanto o nível sintagmático. No primeiro caso, temos a junção de um afixo à uma base: *A uberização é uma tendência para o futuro* – [*uber*_{Base} [*ização*_{Sufixo}]]; no último, temos a composição sintagmática (*Governo confirmou que o Bolsa Família em 2021 terá aumento de valor*); (iii) **semântico**: refere-se a palavra que ganha um novo significado, não afetando outros existentes. Normalmente, resultam de processos metafóricos e metonímicos (*Ana militou pelo direito das mulheres*); e (iv) **por empréstimo**: refere-se às formações que possuem em sua estrutura palavras ou elementos morfológicos estrangeiros (*Smartphone em promoção tem no Magalu!*).

3 METODOLOGIA

Este estudo tem como objetivos: identificar os itens lexicais que estabelecem o campo de trabalho da pesca de mariscos; descrever os processos de formação envolvidos nos itens lexicais encontrados; e, por fim, discutir os aspectos sociocognitivos envolvidos na formação desses itens lexicais. Para tanto, correlaciona princípios metodológicos da Linguística de *Corpus* e da Teoria Sociolinguística. Vale salientar que a escolha por essa correlação sustenta-se no fato de que ambas partem da observação de dados da língua em uso. Além disso, enquanto a Sociolinguística capta as particularidades linguísticas resultantes da pressão oriunda dos contextos sociais, a Linguística de *Corpus* permite captá-las em termos de tipos e frequências, haja vista a sua realização dentro *corpus* recortado.

3.1 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DA LINGUÍSTICA DE CORPUS

A Linguística de *Corpus*, conforme Tony Berber Sardinha (2000), é uma metodologia de pesquisa que tem por objetivo coletar e explorar a linguagem em uso, tanto na modalidade escrita quanto na modalidade falada, por meio de evidências empíricas, usando as potencialidades do computador. Sendo assim, coleta criteriosamente e explora *corpora* de dados linguísticos para fins de

²Dentro da comunidade LGBTQIA+, o termo “poc” é utilizado pejorativamente para se referir aos gays mais afeminados (*bicha poc*). O termo teria derivado da onomatopeia “poc poc”, a qual representa o som que resulta do contato do salto alto com uma dada superfície. (MILLER, 2018; DICIONÁRIO INFORMAL, 2021a)

investigação de uma língua ou variedade linguística. Porém, há um outro grupo de pesquisadores que compreendem a LC como um campo disciplinar, assim como é, entre outras, a Análise do Discurso, Antropologia Linguística, Análise da Conversa, a Linguística Cognitiva, a Sociolinguística – as últimas, bases deste estudo. O fato é que, em ambas, prevalecem os princípios que orientam a pesquisa empírica e a visão de que as línguas humanas são sistemas probabilísticos. Antes destes princípios serem explicitados, salienta-se que esta pesquisa entende a LC como uma metodologia, haja vista o fato de que ela não possui um *objeto* em si. Diferente, de outros campos, por exemplo: a Sociolinguística ocupa-se da relação entre língua e sociedade, por outro lado, a Linguística Cognitiva ocupa-se da relação entre a língua e a conceitualização humana do mundo. Isso posto, é preciso compreender o conceito de *corpus* para a LC – ou para qualquer estudo no qual esse campo tenha lugar.

A primeira coisa a ser dita é que a palavra *corpus* ou *corpora* é usada em sentido amplo e restrito. Em sentido amplo, refere-se a: (1) *arquivo* – depósito de textos sem organização prévia; (2) *biblioteca eletrônica* – coleção que segue alguns critérios de seleção; (3) *corpus* – uma parte da biblioteca eletrônica, construído a partir de um desenho explícito, com objetivos específicos; (4) *sub-corpus* – uma parte de um *corpus*, pode ser fixa ou mutável (SARDINHA, 2004, p. 335-336). Em sentido estrito, *corpus* se refere, conforme Sardinha (2000, p.338), a:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise' (SANCHEZ,1995, p. 8-9 apud SARDINHA,2004, p.338)

Em outras palavras, a definição ampla de *corpus* envolve apenas o sentido de um conjunto de dados. Mesmo que esse conjunto de dados seja organizado, ele não passa pelo pressuposto fundamental da LC, o qual envolve uma coletânea de dados linguísticos naturais, legíveis por computador. Por isso, a LC adota o sentido estrito. Todavia, Sardinha (2000) observa que, a partir desse conceito estrito, há vários tipos de *corpora*, os quais são constituídos observando os seguintes critérios: (a) Modo [falado ou escrito]; (b) Tempo [sincrônico, contemporâneo e histórico]; (c) Seleção [de amostragem, monitor, dinâmico, orgânico, estático e equilibrado]; (d) Conteúdo [especializado, regional ou dialetal e multilíngue]; (e) Finalidade [de estudo, de referência, de treinamento ou teste]; (f) Disposição interna [paralelo ou alinhado]. Entretanto, em todos esses tipos é obrigatório que: (i) os textos sejam autênticos, produzidos por humanos em linguagem natural (falado ou escrito); (ii) a seleção dos dados precisa obedecer a característica do *corpus* a ser compilado; (iii) o *corpus* precisa ser representativo, ou seja, registrar a linguagem natural utilizada por falantes e escritores da língua em situações reais de uso, tendo em vista a análise de suas particularidades. Diante desse quadro, para a compilação do *corpus* de estudo, ao qual intitulou-se de *Corpus de Trabalho*, obedece-se aos seguintes critérios descritos na Tabela 1:

Tabela 1: Critérios de compilação do *corpus* de estudo

Critérios definidores do Corpus de Trabalho		
Modo	Falado	porções de fala transcritas
Tempo	Contemporâneo	período de tempo corrente
Seleção	De amostragem [<i>sample corpus</i>]	composto por porções de textos ou de variedades textuais, planejado para ser uma amostra finita da linguagem como um todo
Conteúdo	Regional ou dialetal	textos provenientes de uma ou mais variedades sociolinguísticas específicas
Finalidade	De estudo	o <i>corpus</i> que se pretende descrever

Fonte: Elaborada pela autora.2020.

Na próxima seção, apresenta-se a ferramenta computacional utilizada para manipular o *corpus* de estudo.

3.1.1 O Concorciador *Antconc*

O *AntConc* é uma ferramenta computacional desenvolvida por Lawrence Anthony. Esse *software* possui 04 *megabytes* e encontra-se disponível gratuitamente na *internet*. Por ser leve, o *AntConc* pode ser armazenado como arquivo de computador ou mesmo em um *pen drive*. Além disso, pode ser operado em programas como *Windows*, *Mac* e *Linux*. Conforme Anthony (2020), o *AntConc* apresenta as seguintes funções: (1) *Word List*: fornece uma lista de palavras do *corpus* em ordem alfabética, por tipo e frequência; (2) *Concordance*: fornece as linhas de concordância na qual um determinado termo se encontra no *corpus*; (3) *Concordance Plot*: fornece um gráfico, semelhante a um *código de barras*, que mostra a distribuição do termo em destaque no *corpus* ou em um dos arquivos deste; (4) *File View*: fornece a localização das diferentes ocorrências de um termo destacado no *corpus* ou em um dos arquivos deste; (5) *Clusters*: fornece uma lista do termo destacado em ordem: alfabética, de frequência, de terminações e de probabilidade; (6) *Collocates*: fornece uma lista das outras palavras próximas ao termo destacado; e (7) *Keyword List*: fornece uma lista de palavras-chave com vistas à comparação entre a frequência das palavras do *corpus* de estudo com a frequência das palavras do *corpus* de referência. Na Figura 3, explicita-se uma das funções do *AntConc*, o *Concordance*. Aqui, tem-se as linhas de concordância nas quais o termo *mangue* é destacado em azul no *Corpus* de Trabalho:

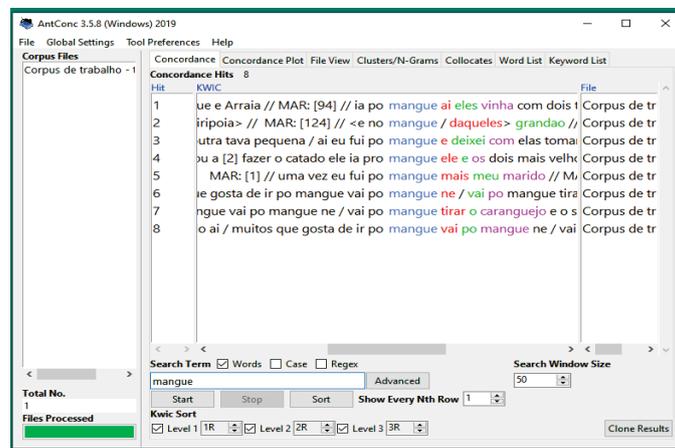


Figura 3: *AntConc* em uso: aba *Concordance*.

Fonte: Elaborada pela autora, 2020

Essa função permite, inclusive, ver o contexto sintático no qual o termo em observação ocorre, permitindo assim a investigação de padrões sintáticos.

3.2 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

Para selecionar os dados que servem de insumo para a compilação do *corpus*, este estudo usa alguns dos princípios da Sociolinguística, uma vez que este campo compreende a língua como um fato social forjado no interior das comunidades linguísticas. É no conjunto das semelhanças e diferenças produzidas por seus membros que o comportamento linguístico de cada comunidade de fala é estruturado (GUY, 2000), marcando a sua oposição diante das demais. Uma vez selecionada a comunidade de pesquisa, este estudo cumpre as seguintes etapas: (1ª) seleção do informante, considerando o universo da amostra e o tamanho e estratificação da amostra. Vale salientar que não é o falante que interessa à pesquisa sociolinguística, mas o grupo social no qual este pertence e interage. Não há como coletar dados de todos os indivíduos pertencentes a esse grupo social, assim seleciona-se um informante que seja representativo do grupo social delimitado (TARALLO, 1986); (2ª) realização de entrevista sociolinguística para a coleta de dados³. Conforme Tarallo (1986), estimular a produção de uma narrativa pessoal costuma suscitar emoções significativas, sendo uma boa estratégia para deixar o informante mais à vontade. É evidente que o roteiro da entrevista não se restringe apenas às narrativas pessoais. Isso dependerá do tipo de fenômeno linguístico que se quer observar e das necessidades comunicativas que surgem no momento da entrevista; (3ª) descrição do envelope de variação, na qual consta a discriminação da variável (termos morfológicos) e a identificação dos contextos de ocorrência dessa variável (campo do trabalho); (4ª) considerando

³ Para proceder a gravação, utilizou-se um gravador *Sony Digital Voice Recorder 4GB - ICD-PX240* (gravador e reproduzidor de voz).

os dados coletados, levantamento de questões e hipóteses relativas ao problema; e (5ª) codificação e análise dos dados. Dada a natureza qualitativa deste estudo, algumas destas etapas foram adaptadas.

De outro modo: a partir da definição do problema, objetivos da pesquisa, seleção do arcabouço teórico, definição do metodologia, cumpriram-se as seguintes etapas na realização desse estudo: (1) entrevista com o informante para a gravação dos dados; (2) transcrição dos dados oriundos da entrevista em arquivo *word*, obedecendo o critério semiortográfico estabelecidos pela *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000; RASO, 2012) para o tratamento da fala espontânea; (3) conversão do arquivo em *word* do *corpus* para extensão *txt*; (4) compilação do *corpus* propriamente dito; (5) uso do concordanciador *AntConc* para manipulação do *corpus*, com vistas à geração de lista de palavras e linhas de concordância para observação do fenômeno recortado; e (6) produção de relatório de pesquisa.

4 A QUESTÃO DA CRIAÇÃO LEXICAL NO CORPUS DE TRABALHO: RESULTADOS

Este estudo parte do pressuposto de que o léxico, assim como os outros níveis que estruturam as línguas humanas, também reflete diferenças sociais dentro da comunidade de fala (BIDERMAN, 2001). Tais diferenças abrangem tanto a complexidade da dinâmica social em termos de valores de classe (por exemplo), quanto palavras que ordenam o contexto do trabalho, haja vista a especificidade dos objetos que o compõe. É neste último nicho que este estudo está alocado. No caso do trabalho com a pesca de mariscos, o agente identificado é a *marisqueira*, ou seja, *aquela mulher que cata ou vende mariscos*. Como se pode atestar, esse termo resulta de derivação morfológica, na qual uma *forma livre* (marisco) conecta-se a uma *forma presa* (-eiro/a). Entretanto, considerando o contexto da pesca de mariscos em uma comunidade particular, especificamente o trabalho da marisqueira, este estudo investiga formas novas ou sentidos novos dados a formas já existentes, as quais não se encontram formalmente dicionarizados, bem como os processos morfológicos envolvidos na formação desses termos. Diante desse quadro, explicita o MCI TRABALHO[Pesca], que funciona como *background* para o uso e a criação de novos itens e/ou sentidos, e descreve o item lexical que, dentro do *corpus*, apresenta maior complexidade cognitiva em seu processo de formação: *balão de pesca*. Todavia, antes destaca a comunidade de fala, o perfil sociolinguístico do sujeito selecionado para pesquisa e caracteriza o *corpus* de estudo: o *Corpus* de Trabalho.

4.1 A COMUNIDADE DE FALA DO SUJEITO DA PESQUISA

O sujeito da pesquisa nasceu, cresceu, trabalha e vive na comunidade de pescadores de Ponta de Areia, onde aprendeu o ofício de marisqueira ainda na adolescência. Esta é uma pequena comunidade que, como distrito pertence a Caravelas/BA, cidade localizada no *Território de Identidade Extremo Sul* que, delimitado com um círculo em azul na Figura 4, compõe o *Mapa dos Territórios de Identidade da Bahia* (BAHIA TERRITÓRIOS DE IDENTIDADES, 2022):

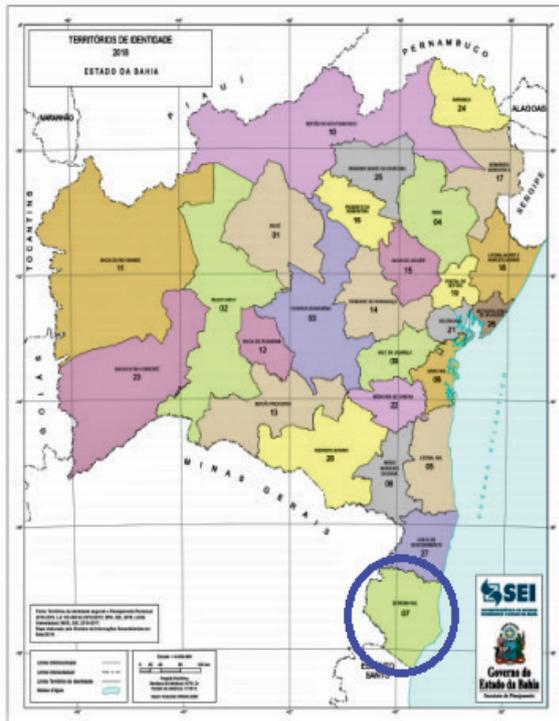


Figura 4: Mapa dos Territórios de Identidade da Bahia.

Fonte: Elaborada pela autora, 2020

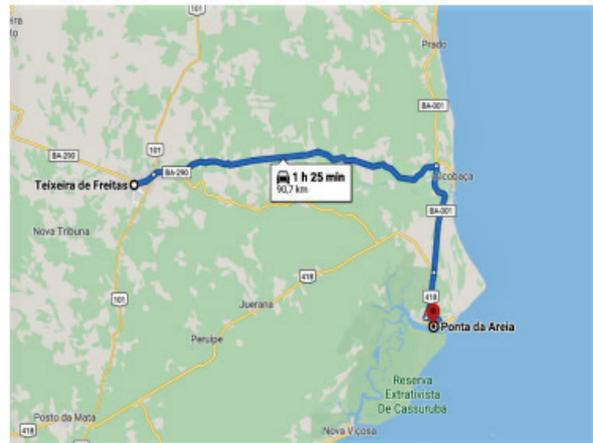


Figura 5: Distância em quilômetros (km) entre Ponta de Areia, distrito de Caravelas e Teixeira de Freitas, municípios da Bahia.

Fonte: Elaborada pela autora, 2020

Na Figura 5, o distrito de Ponta de Areia está identificado no mapa com um ponto em vermelho. Esse distrito fica a 90,7 km, ou seja, a 1h25m (via BA-290 e BA-001) de Teixeira de Freitas, centro econômico do referido território (TEIXEIRA DE FREITAS, 2022; IBGE, 2017). Vale destacar que essa pequena comunidade se desenvolveu em torno da construção da estrada de ferro, que ligava o estado da Bahia ao de Minas Gerais, em 1881. Esta estrada não só movimentou economicamente o distrito de Ponta de Areia como também o município de Caravelas/BA. Contudo, a Estrada de Ferro Bahia – Minas (E.F.B.M) foi desativada em 1966. O desmatamento da região, a falta de manutenção das locomotivas, o custo alto do transporte de madeira e o preço abusivo dos fretes foram os argumentos usados para isso. O fechamento da E.F.B.M impactou fortemente os moradores da região, trazendo enormes prejuízos, sobretudo para Ponta de Areia, que assistiu muitos dos seus migrarem para outras regiões em busca de trabalho. A pesca tornou-se a única fonte de renda para os moradores que permaneceram. Ao se fixarem às margens dos rios, esses moradores iniciaram o que, posteriormente, seria conhecida como a comunidade de pescadores de Ponta de Areia.

4.2 PERFIL SOCIOLINGÜÍSTICO DO SUJEITO DA PESQUISA

Para realizar este estudo, considerando a comunidade de fala, o grupo social selecionado foi o das *marisqueiras* de Ponta de Areia. O sujeito da pesquisa é uma mulher, cujos dados sociolinguísticos estão discriminados na Tabela 2 abaixo, na forma de metadados:

Tabela 2: Metadados do Participante

Metadados do participante	
Origem	Ponta de Areia – BA
Idade	72 anos
Escolaridade	2ª série do fundamental I
Ocupação	Marisqueira
Outras informações relevantes	- casada há 50 anos com um morador também nascido em Ponta de Areia - BA - mãe de 13 filhos - mora em Ponta de Areia – BA desde o nascimento - começou a trabalhar aos 12 anos de idade - participa da Associação de Marisqueiras de Ponta de Areia – BA

Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

Considera-se essas informações importantes, tanto da comunidade de fala quanto o perfil sociolinguístico do sujeito da pesquisa, para compreender em que contexto os hábitos linguísticos desse sujeito foram forjados.

4.3 CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS DE TRABALHO

O *Corpus* de Trabalho é do tipo *amostragem*, pois é constituído por uma porção de linguagem falada, que apresenta tamanho finito e circunscreve-se ao ano de 2019. Quanto ao conteúdo, é de natureza dialetal, já que busca captar fenômenos da diastratia linguística, ou seja, mostrar traços de identidade do falante e de sua comunidade de fala, enviesados por fatores sociais como sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e nível socioeconômico. Quanto aos números brutos, o *Corpus* de Trabalho resulta de uma entrevista informal de 57m32s (cinquenta e sete minutos e trinta e dois segundos) e o recorte para a sua compilação é de 15m39s (quinze minutos e trinta e nove segundos), haja vista a natureza do fenômeno investigado, delimitado no nível morfológico. Na Tabela 3, tem-se a distribuição das categorias do *Corpus* de Trabalho:

Tabela 3: Números do Corpus de Trabalho

Total	
204	Enunciados
2908	Número de palavras (<i>tokens</i>)
671	Tipos de palavras (<i>types</i>)

Fonte: Elaborada pela autora, 2020

O *Corpus* de Trabalho possui 204 enunciados, 2.908 palavras e 565 tipos de palavras. Em outros termos, as 2.908 palavras que se distribuem em 565 tipos formam o arranjo dos 204 enunciados. No entanto, essa distribuição ocorre segundo as necessidades comunicativas do falante, por exemplo: a preposição *e* ocorre 102 vezes no *corpus*, ao passo que o substantivo *balão* ocorre 06 vezes. Por outro lado, o substantivo próprio *Abrolhos* ocorre apenas uma vez no *corpus*, ou seja, é uma *hapax legomena*. Os números de frequência estabelecem um *rank* de ocorrência. Nos exemplos em questão, têm-se o seguinte ranqueamento: a preposição *e* ocupa a 2ª posição, dado os seus traços funcionais; já *balão* e *Abrolhos* ocupam, respectivamente, as posições 77º e 332º, dado os seus traços lexicais. Vale lembrar que o *Corpus* de Trabalho foi transcrito respeitando o comportamento da prosódia tal como advoga a *Language into Act Theory* (Cf. seção 2.1), por isso se organiza a partir de enunciados que, segmentados pela prosódia, são entendidos como unidades de referência da fala espontânea. Nesse quadro, diverge dos estudos tradicionais que delimitam a sentença como sua unidade mínima, já que esta apresenta um núcleo verbal e os seus limites são definidos por sinais de pontuação, os quais representam as quebras na diamesia falada. Uma vez assinalados os princípios que definiram a compilação do *corpus*, nas próximas subseções, este estudo explicita o MCI TRABALHO[Pesca], bem como descreve o processo de formação do termo *balão de pesca*.

4.4 DESENHO DO MCI TRABALHO[Pesca]: OS DADOS DO CORPUS DE ESTUDO

Os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), como posto anteriormente, envolvem os conhecimentos interindividualmente partilhados pelos membros de uma comunidade. Assim, funcionam como modelos culturais que organizam o mundo. Entretanto, esses modelos mudam com o tempo e são adaptados conforme as novas necessidades que surgem dentro desse mesmo mundo. Um dos MCIs mais importantes das sociedades humanas é o MCI TRABALHO, o qual se apresenta nos dados do *Corpus* de Trabalho, conforme atesta-se no Excerto 1:

Excerto 1

VAN:[151] // porque na / no trabalho do / da pesca / eles dependem muito da natureza <ne> / e da <mare> //

A aceção sobre o entendimento de *trabalho*, evidenciada no Excerto 1, converge com o pensamento de Karl Marx (1985a, p.153): *o trabalho é uma atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas*. Ou seja, o trabalho resulta da interação entre os humanos e a natureza. Desta interação, cria-se os meios objetivos para a sobrevivência da espécie. Nesse contexto, considerando o conceito de MCI e da atividade do trabalho, pode-se postular o conceito de MCI TRABALHO nos seguintes termos:

É um conjunto de atividades em que se aplicam as forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim; como atividade coordenada de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento; é uma atividade produtiva por isso remunerada ou assalariada. (FERREIRA, 2000, p.679 *apud* CARMO, 2005, p.110)

Como se pode observar, esse MCI envolve desde atividades braçais até atividades intelectuais, assim como categorias intermediárias entre esses dois polos e as relações entre entidades, lugares e instrumentos envolvidos em cada uma delas. Dessa forma, pode-se afirmar que o MCI TRABALHO funciona como uma grande categoria, na qual encaixa-se todas as atividades humanas que se relacionam com os traços de *produção*, *sobrevivência* e *remuneração*. Assim, é possível prever um MCI TRABALHO[Pesca], dentro da grande categoria MCI TRABALHO, evocado a partir de palavras do campo que ativam e reativam relações, entidades, lugares e instrumentos usados para a execução dessa atividade em particular. Para efeito de demonstração, extraiu-se os termos que evocam e estabelecem o MCI TRABALHO[Pesca] do *corpus* de estudo, bem como a frequência de ocorrência de cada item:

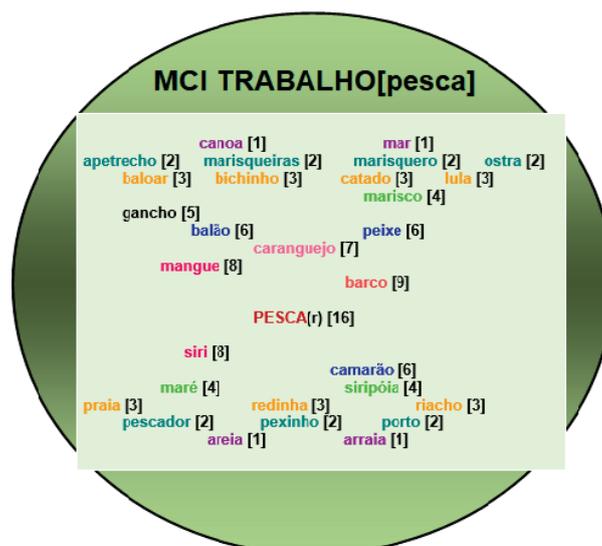


Figura 6: Modelo Cognitivo Idealizado Trabalho[Pesca]

Fonte: Elaborada pela autora, 2020

No contexto do MCI TRABALHO[Pesca], como se pode ver, o termo *pesca* ocorre 16 vezes, considerando o lema e suas ocorrências. A partir desse termo, seguem-se as palavras que ativam e reativam elementos do MCI, as quais envolvem: (a)

instrumentos usados para a execução da atividade: *barco* (9), *balão* (6) *gancho* (5), *siripóia*⁴(4), *redinha* (3), *apetrecho* (2), *canoa* (1); (b) espaço da realização da atividade: *mangue* (8), *riacho* (3), *praia* (3), *maré* (4), *mar* (1), *areia* (1); (c) produto resultante da atividade: *siri* (8), *caranguejo* (7), *camarão* (6), *peixe* (6), *peixinho* (2), *bichinho* (3), *lula* (3), *ostra* (2), *arraia* (1); agente da atividade: *pescador* (2), *marisqueiras* (2), *marisqueiro* (2). Contudo, observa-se que alguns desses termos pertencem a outros MCIs. Um exemplo é o termo *lula*, que ocorre 03 vezes no *corpus*. Contudo, observa-se no Excerto 2, pelo menos, 02 acepções bem distintas do termo: uma apresenta um traço [+humano] e outra [- humano]:

Excerto 2

MAR:[47] // ai / quando eu [2] *Lula* teve aqui / *Lula* nao teve aqui / ce sabe / na / na porta da igreja por aqui / eu fui pa la com ele / me botaram la em cima com ele / rapaz / e depois / me vieram aqui chamar [2] eu meu marido meu filho tudo que era / tudo pescador / tudo pa ir, ninguem quis ir / ai eu criei coragem / sunta so //

MAR: [134] // e o peixe la fora e com camarao / com a *lula* //

Em [47], o termo é um substantivo próprio masculino e se refere ao Ex-Presidente Luís Inácio Lula da Silva (35º presidente do Brasil, que exerceu o cargo de 1º de janeiro de 2003 a 1º de janeiro de 2011). Inclusive, esta é a primeira referência que aparece no buscador de pesquisa da Plataforma Google (GOOGLE, 2022). Já em [147], *lula* é classificado como *substantivo feminino* que se refere a um *molusco cefalópode marinho semelhante à siba, da família dos loliginídeos, de nadadeiras laterais triangulares e concha interna reduzida a uma "pluma" córnea* – segundo o *Dicionário Online do Português* (2020). Por outro lado, há palavras dentro do *Corpus* de Trabalho que, apesar de serem formas conhecidas, apresentam um sentido não comum, isto é, não dicionarizado. É o caso do termo *balão de pesca* – o qual descrevemos a seguir. A hipótese é de que se trata de uma particularidade dos hábitos linguísticos da comunidade de fala destacada, pois não foi encontrado via pesquisa *Google*.

4.5 BALÃO DE PESCA: UM CASO DE NEOLOGISMO

Para começar, considera-se os seguintes enunciados extraídos do *Corpus* de Trabalho:

Excerto 3

MAR [132] eles fica no riacho / Ai eles vao tirar no riacho //

VAN[133] uhum //

MAR [134] e o peixe la fora e com camarao / com a *lula* //

MAR [135] que eles pesca //

VAN [136] de rede ne? //

MAR [137] e / nao / eles nao / <eles> //

VAN [138] <de linha> //

MAR [139] bota / la fora de linha e de linha ne //

VAN [140] uhum //

MAR[141]: e ai eles bota a rede / tem a rede/ eles vê a rede / e tira / meu genro mesmo trabalha com / de rede //

CAR [142]: o camarão é [2] *balão* ne? //

MAR[143]: camarão é *balão* / é / de *balão* / leva o *balão* / sai daqui duas hora uma hora da madrugada / quando vem / de onze hora em diante eles vem chegando //

Como se pode observar no Excerto 3, o termo *balão* em [142-143] não está sendo empregado com os seus sentidos mais comuns. Se uma breve consulta for realizada no dicionário *Mini-Aurélio Século XXI* (FERREIRA, 2000), o sentido que está sendo posto nos dados do *corpus* acima não será encontrado:

Ba-lão: sm. 1. Aeróstado. 2. Artefato de papel que se lança ao ar pelas festas juninas e sobe por força de ar quente produzido em seu interior. 3. Brinquedo infantil que é uma esfera de borracha

⁴Em algumas comunidades é conhecido como *puçá*.

ou de plástico, de paredes muito finas, cheia de ar. 4. Globo, bola. 5. Mentira, balela. 6. *Quim.* Recipiente esférico de vidro, dotado de garganta, onde se realizam operações químicas. [PL.: -lões.]

Em outros termos, o termo balão está sendo usado com o sentido de instrumento de pesca no Excerto 3, ou seja, *como uma espécie de instrumento para pescar camarão*. Interessante é que este sentido não é encontrado nem mesmo nos dicionários *online*, cujas inovações são incorporadas mais rapidamente. Aqui, destaca-se os dicionários *Dicionário Online Do Português* (2020) e o *Michaelis* (2020):

Dicio [Dicionário Online de Português]

Significado de balão

Involúcro de borracha, de papel ou de plástico, relativamente grosso que, cheio de gás ou ar quente, se eleva na atmosfera; aeróstato.

[Química] Globo de vidro com um ou mais gargalos, para operações e experiências.

[Figurado] Notícia falsa; balela, mentira; notícia exagerada.

[Popular] Curva fechada para retorno de veículos. Elemento gráfico em forma de balão que, nas histórias em quadrinhos, emana das personagens com as palavras que elas pronunciam ou têm em mente. Artefato esférico feito em papel que, durante as festas juninas, é inflado pelo ar quente e lançado aos céus.

[Por Extensão] Qualquer objeto ou produto que se assemelhe a um globo ou bola. Forno simples usado para produzir carvão, feito no mesmo lugar em que se corta a madeira; carvoeira, caieira.

[Esporte] Jogada que, no futebol, consiste em lançar a bola acima do corpo do jogador para a pegar novamente do outro lado.

Etimologia (origem da palavra *balão*). Do francês *ballon*.

Sinônimos de Balão

Balão é sinônimo de: aeróstato, dirigível, carvoeira, balela, mentira

Definição de Balão

Classe gramatical: **substantivo masculino**

Separação silábica: **ba-lão**

Plural: balões.

Michaelis

ba-lão

sm

1 Involúcro esférico feito de tecido ou de outro tipo de material resistente que, cheio de ar quente ou de um gás mais leve do que o ar, se eleva na atmosfera sem necessidade de motor a propulsão; aeróstato.

2 Artefato, feito geralmente de papel de seda, em vários formatos, que, inflado pelo ar quente da queima de sua tocha, sobe aos ares: Nas festas juninas, na minha cidade, os pequenos balões coloridos enfeitavam o céu.

3 Esfera feita de uma película muito fina de borracha ou de plástico, cheia de ar ou de gás; bexiga:

4 POREXT Qualquer tipo de objeto esférico; bola, globo.

5 Aumentativo de bala.

6 QUÍM Globo de vidro com um ou mais gargalos, usado em diversas experiências e manipulações; matraz.

7 Forno rústico para se fabricar carvão, formado por camadas de lenha ou madeira entremeadas de terra, com um buraco no vértice, por onde se lança o fogo.

8 COLOQ Notícia sem fundamento; balela.

9 ESP Certo golpe, no judô, em que o lutador, caindo sobre o dorso, aplica um pé no côncavo do corpo do adversário, atirando-o por cima da cabeça.

10 Bola de futebol.

11 Local em via ou rodovia em que os veículos fazem volta para retornar; retorno.

12 Nas histórias em quadrinhos e em fotonovelas, espaço arredondado limitado por uma linha no qual são registrados os pensamentos e as falas dos personagens.

Em ambas as referências, não há nenhum sentido que se aproxime daquele utilizado no *Corpus* de Trabalho. Diante disso, como explicar o uso do termo balão nos dados do *corpus*? Para responder a esta questão, a primeira coisa a explicitar é o processo de formação de palavra que envolve o uso do termo identificado no *Corpus* de Trabalho.

Nesse contexto, pode-se presumir que a palavra *balão* é um item lexical conhecido, armazenado na memória individual do sujeito da pesquisa, como também na memória coletiva de sua comunidade de fala. Na Figura 7, a seguir, reuniu-se em imagens as principais acepções do termo *balão*:



Figura 7: Imagens das várias acepções de *balão* extraídas da internet

Fonte: Rodrigues (2020, p.39)

Na primeira coluna, *balão* é mostrado com os seus sentidos mais centrais, uma vez que não há variantes conhecidas de *balão para voo humano* e *balão de festa junina*. Por outro lado, na coluna do meio e na última, tem-se objetos cujos nomes apresentam alguma variação: *balão de festa* poder ser chamado de *bexiga* ou de *bisnaga*; *balão de ensaio* pode ser chamado de *tubo de ensaio*; *aeróstato* pode ser chamado de *zeppelin* ou *dirigível* e, por fim, *balão de trânsito* pode ser chamado de *rotatória*. Contudo, é preciso pontuar que *balão de ensaio* e *aeróstato* são objetos que talvez não tenha um alcance como os outros termos, dado o contexto de maior complexidade científica e/ou tecnológica. Desse modo, constata-se facilmente que *balão* é uma palavra que apresenta diversos sentidos. Contudo, a despeito desses diversos sentidos, percebe-se que em todos há um tipo de similaridade: *uma forma delimitada, não necessariamente circular, cujo conteúdo é preenchido por algo*: (i) *balão para voo humano*, *balão de festa junina*, *balão de festa* e *aeróstato* são preenchidos com gás ou ar quente; (ii) *balão de ensaio* é preenchido com líquidos de modo geral; e (iii) *balão de trânsito* delimita um espaço por recortado, no qual pode-se, inclusive, plantar algo ou colocar um monumento. Essa similaridade parece orientar também a noção de *balão de pesca*, cuja imagem foi desenhada por um pescador da comunidade de Ponta de Areia:

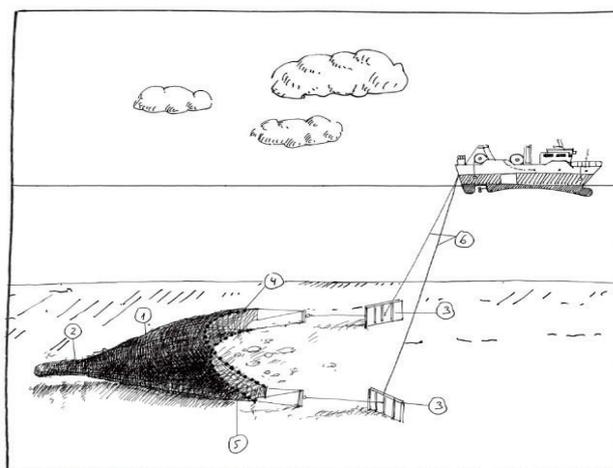


Figura 8: Balão de pesca

Fonte: Desenho elaborado por um pescador de Ponta de Areia/BA

Como se pode observar, o *balão de pesca* apresenta uma forma que é delimitada pelas linhas entrelaçadas da rede cujo interior deve ser preenchido com camarão e outros tipos de pequenos animais marinhos. Além disso, é um objeto grande, como fica evidenciado na figura acima. Diante desse dado, pode-se afirmar que o sentido de *balão* no *Corpus* de Trabalho é resultado de *extensão metafórica*, isto é, processo de formação de palavras que envolve recursos semânticos como extensões metonímicas e

metafóricas. (LAROCCA (2011[1994])). Aqui, explora-se a última. O processo de extensão metafórica, em um viés tradicional, compreende a identificação de similaridade entre paradigmas distintos, o qual é operado via processos de substituição. Nessa perspectiva, a relação percebida é de natureza interna, agindo em um domínio mental sobre campos semânticos distintos (GASSENFERTH, 1990). Nesse contexto, pode-se então compreender a relação de similaridade entre os diversos sentidos da palavra balão, os quais envolvem uma forma delimitada cujo conteúdo é preenchido por algo como visto acima. De outro modo, o balão de pesca é semelhante ao balão do céu, pois ambos apresentam grandes dimensões cujo volume é preenchido por alguma coisa: o do céu preenche-se com ar quente, o do mar com camarão e outros animais marinhos pequenos.

Por outro lado, dentro do viés cognitivista, o processo de extensão metafórica é compreendido como uma operação cognitiva que envolve a projeção entre domínios de conhecimento distintos no qual um *domínio-alvo* é estruturado nos termos de um *domínio-origem* (LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1980]). Essa relação é expressa do seguinte modo: *balão de pesca* (domínio-alvo) é estruturado nos termos de *balão do ar* (domínio-origem), pois apresenta semelhanças com este último, isto é, possui um *continente* que pode ser compreendido como um envelope cuja dimensão é preenchida por camarões, em lugar de ser preenchida por gás propano. Além disso, tal como se pode ver na Figura 8 acima, em lugar de ser solto no céu, esse balão é solto no mar. Em outros termos, o conceito de balão envolve, pelo menos, três elementos básicos:

- (1) *um continente*: corresponde a um envelope, definindo as dimensões (tamanho, forma);
- (2) *um conteúdo*: diz respeito à substância que preencherá o continente; e, por fim,
- (3) *um ambiente*: refere-se ao espaço onde o balão pode movimentar-se.

Tais elementos, encontram-se nos dois objetos. Contudo, o conceito prototípico do termo é balão do ar que, inclusive, aparece como primeira acepção nos dicionários oficiais. Assim sendo, balão de ar funciona como o domínio-origem o qual enquadra balão de pesca que funciona como domínio-alvo. Entretanto, um funciona como transporte, o outro como instrumento para executar um tipo de trabalho. Essa relação é ilustrada na Figura 9, abaixo:

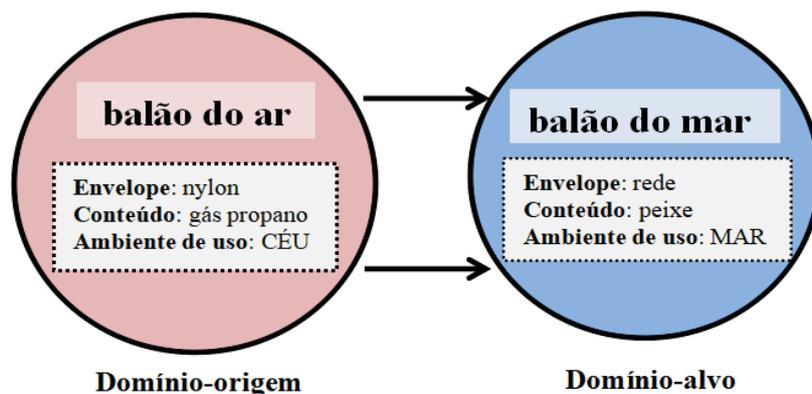


Figura 9: Projeção metafórica.

Fonte: Elaborado pela autora, 2020

Todavia, reconhece-se uma metáfora básica nas ocorrências em questão, a qual envolve um tipo de orientação espacial que parte da experiência de nossos corpos com o mundo externo, que é projetada nos objetos: a *metáfora orientacional* CONTINENTE – CONTEÚDO. Conforme Lakoff e Johnson (2002[1980]), esse tipo de metáfora organiza todo um sistema de conceitos em relação a um outro. Diante dessa análise, constata-se a *natureza polissêmica* do termo *balão*, isto é, uma palavra que abarca vários sentidos relacionados. Estes sentidos são permeados pela *natureza de nossos corpos, que funcionam como medida que se projeta em todos os outros conceitos no mundo* (LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1980] p. 59). Outro dado importante: o termo balão de pesca ainda se relaciona com outros paradigmas morfológicos. A seguir, toma-se o Excerto 4 extraído do *Corpus* de Trabalho:

Excerto 4

MAR [154]: agora [2] no verao aqui fica bom / fica calmo / como to dizendo a ela / fica calmo / ai eles vao num dia e pa voltar no outro ou levam dois dias la fora / dorme no barco e tudo / como e que pode ne / dormir / eu ja fui la fora *baloar* mais ele / ja fui pescar la fora / fica la sentada no barco com a linha //

[...]

MAR [160]; *baloar* / eles bota o *balao* atras do barco / ne //

MAR [161]; bota abre [2] o pau do *balao* em cima do barco //

MAR [162]; bota e vem *baloano* //

MAR [163]; vem caindo devagarzin //

MAR [164]; devagarin //

MAR [165]; e quando tiver na hora de puxar eles puxa//

[...]

MAR [168]; tem vez que num pega ninum //

MAR [169]; vem siri //

MAR [170]; vem pexinho //

No enunciado [154], tem-se o verbo auxiliar *fui* compondo uma locução verbal com o infinitivo *baloar*, ou seja, uma forma nominal do verbo que nomeia a ação do verbo propriamente dita: /*eu ja fui la fora baloar mais ele*/. Já em [160], tem-se apenas o infinitivo do verbo, indicando uma ação que é explicada logo em seguida: *baloar* / *eles bota o balao atrás do barco / ne* //. Por fim, em [162], tem-se outra forma verbal que indica uma ação em processo, o gerúndio, combinada com um verbo auxiliar *vem*: *bota e vem baloano* //. Esses dados, mostram que o termo balão se relaciona com outros paradigmas via processos derivacionais (LAROCCA (2011[1994]). Em outros termos, a partir da raiz tem-se uma cadeia paradigmática constituída: [bal_{Raiz} < balão_{Nome} < bal-oar_{Verbo} < bal-ano_{Gerúndio}]. Diante do exposto, pode-se afirmar que balão, com a acepção usada no *Corpus* de Trabalho, é um caso de *neologismo*, pois: (i) trata-se de extensão semântica de uma palavra existente com diversos sentidos armazenados, tanto na memória individual quanto coletiva; (ii) relaciona-se com outros paradigmas via processos derivacionais, e por fim, (iii) não se encontra dicionarizado (BASÍLIO, 1987).

Todavia, a criação do neologismo é possível graças à *natureza associativa da memória* humana que permite ao usuário da língua compor novos itens a partir de entidades já conhecidas, seja do ponto de vista da forma, quanto do sentido. No caso de balão de pesca tem-se ambos. Nas palavras de Saussure:

[...] as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas. Assim, a palavra francesa *enseignement* ou a portuguesa *ensino* fará surgir inconscientemente no espirito uma porção de outras palavras (*enseigner, renseigner* etc. ou então *armement, changement*, ou ainda *éducation, apprentissage*); por um lado ou por outro, todas têm algo de comum entre si. Vê-se que essas coordenações são de uma espécie bem diferentes das primeiras. Elas não têm por base a extensão; sua sede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo. Chamá-las-emos **relações associativas**. (SAUSSURE, 2006 [1916], p.143, grifo nosso)

Dessa forma, pode-se afirmar que balão de pesca, do ponto de vista do processo de formação de palavra, é resultado de *analogia*, ou seja, é um termo lexical cuja derivação é motivada pela replicação de formas já existentes: balão do ar. Esse processo de formação, via relações de associação, é corroborado tanto pela visão de Bybee (1985), ao defender que o conhecimento lexical é armazenado na memória do usuário da língua de forma a possibilitar associações entre as várias unidades lexicais, quanto pela perspectiva de Goldberg (1985) ao postular que os itens lexicais que apresentam semelhanças (de forma e/ou de sentido) se organizam como conglomerados (*clusters*), dada a natureza associativa da memória, uma vez que o falante tenta categorizar o mundo a partir de instâncias já aprendidas. Sendo assim, balão de pesca é resultado de processos analógicos que envolvem tanto a forma (balão do ar < balão de pesca) quanto o sentido (uma forma delimitada cujo conteúdo é preenchido por algo). Para encerrar, cabe lembrar que em um estado de língua, tudo se baseia em relações (SAUSSURE, 2006 [1916]), as quais são estabelecidas tanto dentro da mente do sujeito de linguagem (sistema linguístico e cognitivo) quanto na comunidade onde esse sujeito está vitalmente

integrado. Nesse contexto, a criação de novas palavras, ou significados dentro das línguas humanas, passa pela necessidade e por convenções impostas pelas comunidades de fala. Algumas palavras ou significados surgem e desaparecem rapidamente, outras permanecem estruturando modos de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O falante está dentro da comunidade e a comunidade está dentro do falante. É no interior da organização da comunidade que se encontram todas as ordens de valores: sociais, culturais e ideológicos. Essa “espécie de máxima” resume bem as conclusões deste trabalho. Afinal, este estudo demonstra que os processos de criação lexical respeitam tanto as regras internas do sistema linguístico - Léxico, quanto as regras externas a esse sistema, sustentados no contexto social no qual se movimenta o falante. Em outras palavras, o falante utiliza as regras disponíveis, depositadas em seu aparato cognitivo para criar palavras, haja vista as novas necessidades no mundo. Nesse contexto, este estudo ao identificar as palavras ligadas ao trabalho de pesca de mariscos, delimitou o MCI TRABALHO[Pesca], nos termos dos itens lexicais do campo que ativam e reativam relações, entidades, lugares e instrumentos usados para a execução dessa atividade em particular, bem como encontrou um sentido da palavra balão que não se encontra dicionarizado: balão como instrumento de pesca do camarão. Todavia, balão de pesca, enquanto forma e sentido novos, guarda semelhanças com a forma e o sentido mais comum: balão do ar. Pode-se dizer que a última motiva cognitivamente o surgimento da primeira. Isso é possível graças à capacidade cognitiva da mente humana de estabelecer associações entre objetos semelhantes, não só do ponto de vista do sentido, mas também do processo de formação de palavras. No caso do sentido, tem-se uma metáfora orientacional CONTINENTE – CONTEÚDO estruturando o significado desses itens lexicais: forma delimitada, não necessariamente circular, cujo conteúdo é preenchido por algo. Esse sentido está em todas as acepções do termo balão: de festa, de ensaio, de trânsito, de voo (aeróstato). No que se refere ao processo de formação de palavras, tem-se a analogia que estabelece, inclusive, a mesma forma *homônima*. Entretanto, considerando o sentido de balão de pesca, balão de ar e todos os outros itens, pode-se afirmar que balão é um caso de *polissemia*.

Tais achados corroboram os pressupostos abraçados neste estudo: o léxico possui um papel fundamental, além de categorizar os objetos no mundo, as suas formas resultam da correlação entre traços linguísticos e traços contextuais. Por fim, este estudo corrobora a Linguística de *Corpus* como uma metodologia capaz de captar fenômenos da língua em contextos reais de uso, permitindo vislumbrar os processos de constituição das formas e dos sentidos linguísticos, bem como as avaliações, a organização e a visão de mundo dos sujeitos de linguagem, encarnados em suas comunidades linguísticas. Além disso, a LC permite o estudo da fala espontânea em sua natureza mais real. Modalidade que regula o movimento diário da comunidade das mulheres que sobrevivem da pesca de mariscos, cujo comportamento da natureza é decisivo para a execução de seu trabalho. Nesse contexto, este estudo destaca o protagonismo dessas marisqueiras que, ao compreenderem o seu domínio sobre a natureza – portanto sobre as suas condições materiais, criam formas de mundo via ações linguísticas. Sendo assim, o reconhecimento e a autovalorização de suas práticas de sobrevivência é um ganho significativo. Numa sociedade marcada pela estrutura de classes a desalienação dos sujeitos quanto a sua força criativa é o começo de tudo.

REFERÊNCIAS

ABREU, K. A. S. de. Conceito de família – da legislação à prática - uma análise da 'essência' do Instituto. *JUS Brasil*, 2015. Disponível em: <https://karinasabreu.jusbrasil.com.br/artigos/151335962/conceito-de-familia>. Acesso em: 10 mar. 2022.

ANTHONY, L. *Lawrence Anthony Website (AntConc)*, 2020. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software/antconcl/>. Acesso em: 05 set. 2020.

AUSTIN, J. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BAHIA TERRITÓRIOS DE IDENTIDADES. Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação Pesca e Agricultura. Salvador. BA. SEAGRI, 2022. Disponível em: http://www.seagri.ba.gov.br/bahia_identidades Acesso em: 02 mai.2022.

BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BYBEE, J. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam: Johns Benjamins, 1985.

CARMO, C.B.S. A configuração da rede polissêmica de construções agentivas denominais x-ista: Uma abordagem sociocognitiva. 2005. *Dissertação* (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

CARMO, C.B.S. A Complexidade Das Cláusulas Relativas na Fala Espontânea do Português do Brasil: Os dados do C - ORAL BRASIL, 2017. 217 f. *Tese* (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CARMO, C. B. S.; LOPES, D. C.; GONÇALVES, M. F. A. Corpus de Migração: Um estudo da variação dos segmentos [t, d] e [s] na fala espontânea de Teixeira de Freitas/BA. *Linguagem em (Re)Vista*, v. 15, p. 71, 2020. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/index.htm>. Acesso em: 05 set.2020.

CHIAVEGATTO, V.C. Introdução à Linguística Cognitiva. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun. 2009.

CRESTI, E. *Corpus di Italiano parlato*. Firenze: Accademia della Crusca, 2000.

CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Ed. Bernardo Alves, 1970.

DICIONÁRIO INFORMAL. *Poc*. 2021a. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/poc>. Acesso em: 19 fev. 2021.

DICIONÁRIO ONLINE DO PORTUGUÊS. *Lula*. 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/lula/>. Acesso em: 03set.2020.

DICIONÁRIO ONLINE DO PORTUGUÊS. *Balão*. 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/balao>. Acesso em: 03set. 2020.

EXO. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2022, Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Exo>. Acesso em: 05 abr.2022.

FERREIRA, A. B. H. *Miniaurélio século XX*. Rio de Janeiro Nova Fronteira, 2000.

GASSENFERTH, D. Produtividade Lexical: Compostos metafóricos e metonímicos.1990. *Dissertação* (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, 1990.

GOOGLE, INC. *Lula*. 2022. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=lula&oq=lula&aqs=chrome..69i57j46j0l2j46l2j69i60l2.2235j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 05 mai.2022.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

- GUY, G.R. A Identidade Linguística da Comunidade de Fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística. *Organon*, v. 14, n. 28-29, 2000. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/30194>. Acesso em: 03set.2020.
- HALLIDAY, M. A. K. & MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 4rd edition, rev. ampl. London: Arnold. 2014.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias*. Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.
- JACKENDOFF, R. *Foundations of Language*. New York: Oxford University Press, 2002.
- KENT, R. O.; READ, C. *The acoustic analysis of speech*. San Diego: Singular, 1992.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002 [1980].
- LAROCA, M. N, de C. *Manual de morfologia do português*. 3. ed. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2011 [1994].
- MICHAELIS. *Balão*. 2020. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=bal%C3%A3o>. Acesso em: 03 set.2020.
- MILLER, V. *O que significa “poc”? Definição e um pouco de história do termo*. *Gay-blog.com*, 06/03/2018. Disponível em: <https://gay.blog.br/gay/o-que-significa-poc-definicao-e-um-pouco-da-historia-do-termo/>. Acesso em: 19 fev. 2021.
- NENCIONI, G. *Di scritto e di parlato: discorsi linguistici*. La Parola Letterana. Bologna: Zanichelli, 1983.
- MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Livro 1, v.1, t.1. (Os economistas).
- RASO, T.; MELLO, H. (org.). *C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- RASO, T. O C-ORAL-BRASIL e a teoria da língua em ato. In: RASO, T.; MELLO, H. (org.). *C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 91–124.
- RODRIGUES, E. M. *Corpus de Trabalho: Um estudo da criação lexical presente na fala espontânea de uma marisqueira de Ponta de Areia/BA*. 2020. *Trabalho de Conclusão de Curso*. (Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade do Estado da Bahia, 2020.
- SARDINHA, T. B. Linguística de Corpus: Histórico e problemática. *D.E.L.T.A.*, v.16, n.2, p.323-367, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502000000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 05 dez de 2020.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].
- SILVA. A.S. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 1, n. 1-2, p.59-101, 1997. Disponível em: <http://www.facil.ucp.pt/lingcognit.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TEIXEIRA DE FREITAS. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2022, Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teixeira_de_Freitas. Acesso em: 05 abr.2022.



Recebido em 15/12/2020. Aceito em 22/02/21.